

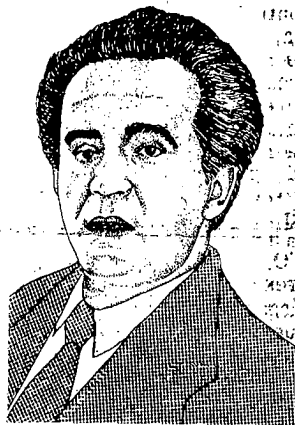
Latinos têm votado nos candidatos da oposição

por Célia Roseblum
de São Paulo

As maiores chances para chegar à Presidência do Brasil estão com o candidato que negar mais radicalmente o atual governo. Esta foi a opção do eleitorado em alguns países da América Latina que viveram recentemente a experiência de escolher sucessores para governos responsáveis pela transição de regimes autoritários para democráticos, nota o cientista político Guillermo O'Donnell. E poderá se repetir no Brasil.

Ganharam a preferência da população nas urnas os que representaram de forma clara um pólo de oposição e crítica aos governos locais. Foi assim no Peru, no Equador e na Argentina entre outras nações latino-americanas — países que, coincidentemente, também enfrentavam graves crises econômicas no período pré-eleitoral. Uma situação bastante próxima à do Brasil, observa O'Donnell, professor na Universidade de São Paulo (USP), pesquisador no Centro Brasileiro de Análises e Planejamento (Cebape) e diretor acadêmico do Instituto Kellogg, em Notre Dame (EUA), que se dedica ao estudo da América Latina.

A escolha de Carlos Saúl Menem pelos argentinos no dia 14 de maio representou, segundo O'Donnell, "uma opção crítica". Argentino,



Guillermo O'Donnell

radicado no Brasil há nove anos, ele acompanhou o processo eleitoral percorrendo vários bairros populares. Ele acredita que o candidato peronista conseguiu atrair uma boa parcela de votos do eleitorado da União Cívica Radical, situacionista, em setores de médio poder aquisitivo empobrecido pela conjuntura econômica.

O Plano Primavera de Raúl Alfonsín, observa o cientista político, "estourou quinze dias antes da eleição". O'Donnell identifica no fato um problema de "timing". "Para nós é uma aposta enorme ver por quanto tempo o Plano Verão segura a economia. Existem muitas variáveis e incertezas e poucas garantias do controle de 'timing' do programa", analisa.